

889121

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
INSTITUTO DA BIBLIOTECA NACIONAL E DO LIVRO

EXHIBITION

APRESENTAÇÃO

ALEMÃES E IMPRESSORES ALEMÃES NO PORTUGAL DE FIMOS DO
SÉCULO XV

por A. H. de Oliveira Marques

OS PRIMEIROS IMPRESSORES ALEMÃES NO PORTUGAL

por José José Alves Dias

Os primeiros impressores alemães em Portugal

INTERIOR DA EXPOSIÇÃO

TIPOBIBLIOGRAFIA DA OFICINA DE NICOLAU DE SAXÔNIA

• VALENTIM FERNANDES

A PRODUÇÃO

Processo de composição

Processo de impressão

O *corpus* tipográfico

Os caracteres de impressão

Caracteres em madeira

Alfabetas comuns

Capitulares

Caracteres em metal

Alfabetas comuns

Capitulares

Tarjas decorativas

Gravuras

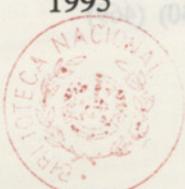
DOCUMENTOS

BIBLIOGRAFIA

AGRADECIMENTOS

LISBOA

1995



B. 1688

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
INSTITUTO DA BIBLIOTECA NACIONAL E DO LIVRO

FICHA TÉCNICA

Coordenação

João José Alves Dias

Catálogo

Pesquisa, organização, descrição e catalogação

João José Alves Dias

com a colaboração de Manuela Rêgo e de Rosa Lemos

Colaboração

Ana Maria Almeida Martins, Manuel Alves e Maria do Amparo Bispo

Capa

Luís Carlos Peixoto

Exposição

Maquetização

José Maria Saldanha da Gama

Montagem

Joana Dagnino, Maria João Araújo e Vítor Pereira

© Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995

Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação:

Portugal. Biblioteca Nacional

No quinto centenário da *Vita Christi* : os primeiros impressores alemães em Portugal / Biblioteca Nacional ; coord. João José Alves Dias . - Lisboa : Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995 . - 140 p.
ISBN 972-565-213-4

I - Dias, João José Alves, 1957- , coord.

CDU 655.15 A/Z (=1.430) (469)
929 A/Z (=1.430) (469)



MEFG0000485945

H561266

levam a sua marca de impressor. A umas Valentim Fernandes emprestaria o nome, porque detinha o privilégio da impressão. E a hipótese de a oficina ser comum aos vários mestres em actividade, no começo do século, ajudava a concretizar do acto. Valentim Fernandes era o responsável pela oficina. Só assim se comprehende que os seus caracteres fossem os mesmos de João Pedro Buonhomini de Cremona, de Hermão de Campos e de Nicolau Gazini de Pedemontio... E que ora aparecessem a imprimir um nome ora outro. Só o levantamento e a reconstituição de todo o material tipográfico, devidamente classificado — tendo em conta as várias contrafacções das mesmas obras, mantendo a data e o nome do primeiro impressor —, poderão um dia provar quem foi efectivamente o impressor. Contudo, o nome de Valentim Fernandes ia, mais esporadicamente, aparecendo no *cólofon* de algumas obras.

Em 1504, já os únicos dois mestres impressores, conhecidos, da cidade de Lisboa — Valentim Fernandes e João Pedro Buonhomini de Cremona — assinavam, em conjunto, uma mesma obra. Tratava-se do *Cathecismo pequeno* (isto é abreviado) de D. Diogo Ortiz de Villegas, Bispo de Ceuta. Se a obra apareceu com os dois nomes, o material, esse, pertencia à oficina do primeiro. Da oficina de Valentim Fernandes saiu, ainda, no ano de 1505, a famosa *Epistola* do rei D. Manuel I ao papa, exortando-o a responder com força aos inimigos do cristianismo. É que o rei *venturoso* queria acautelar os seus negócios com o Oriente. Também neste ano, impresso ainda em Lisboa, na mesma oficina, saiu a segunda edição dos *Autos dos Apostolos*. Valentim Fernandes, desde que tomara conta do seu novo cargo de «corretor», deixara definitivamente de usar o nome «de Morávia», para se servir apenas de Valentim Fernandes de nação alemã, ou Valentim Fernandes Alemão... Era o cargo de tabelião de todos os negócios germânicos no Reino que o impunha.

A cidade de Lisboa, em 1505, conheceu mais uma das suas terríveis pestes. A corte e a maioria da população deixaram a cidade (a corte só voltaria a entrar na capital em 1511). Uns ficaram perto, outros aproveitaram para viajar. Da oficina de Valentim Fernandes, situada em Lisboa, não voltamos a ter notícias concretas senão um lustre depois. Terá Valentim Fernandes levado consigo parte do material, a caixa com a fundição dos tipos, uma ou outra tarja decorativa, as suas melhores letras capitulares — especialmente as de grande formato —, e pouco mais, para fora da cidade? Tudo aponta para que sim. As obras conhecidas, saídas da sua oficina, entre 1506 e 1511, aparecem com novas capitulares, letras góticas de grande formato, o que demonstra que ele não levou consigo todo o material. Abriu novas letras, novas tarjas e novos cunhos. É deste período a nova tarja decorativa, com as armas do Reino de Portugal e do Sacro-Império na base de uma árvore, em que aparecem indígenas (?) dos novos territórios em cenas de caça. Na mesma época, alemães e portugueses faziam expedições conjuntas ao ultramar, financiadas pelos grandes comerciantes alemães. Seria essa a razão?

Valentim Fernandes, ele mesmo, dedicou-se aos descobrimentos. Talvez ambicionasse escrever um tratado sobre as descobertas, para o que apontam os relatos, as compilações, os roteiros e os mapas que constituem hoje o famoso *Manuscrito Valentim Fernandes*. Era um homem preocupado com o mais infimo pormenor das novas gentes, das novas conquistas e do seu modo de vida. Ele próprio participou em algumas expedições. Mas não deixemos o tipógrafo-impressor-livreiro-calcográfico Valentim Fernandes, esquecendo por ora o humanista-cientista-astrónomo... detentor de vasta biblioteca, como ele próprio afirmou, e de vastos conhecimentos e cultura. De propósito deixamos de lado todos os contactos com Peutinger e outros grandes humanistas. Refira-se apenas a conhecida carta escrita a seu irmão, ou cunhado, mercador em Nürnberg, em que dava conta da chegada a Lisboa do *Rhinocerus*, mandado como presente a D. Manuel, pelo rei de Cambaia, descrevendo o animal e relatando o tão conhecido *frente a frente* com o elefante, cujo desenho, que



Ludovicus de Ravescot



possivelmente acompanharia a carta, chegou até Albrecht Dürer, que o imortalizou, em obra xilográfica, aberta em 1515.

Pelo menos, em 1512 Valentim Fernandes já se encontrava de novo em Lisboa, trabalhando na sua oficina. Em sítio e data incerta terá publicado *A Regra da Ordem de Cristo* e as novas edições dos *Regimentos dos Juízes e Oficiais do reino*. Nova tarefa se lhe impunha. Estava pronta a compilação de todo um novo corpo legislativo, saído do labor, determinação e orientação de Rui Boto e de outros do Conselho do Rei. Era necessário *dar corpo* a todo este novo *corpus*. Valentim Fernandes foi chamado a cumprir a tarefa. Por motivos desconhecidos, mas que se prendem, certamente, com a tarefa da comissão de revisão do texto, a impressão começou pelo livro terceiro, seguindo-se-lhe os IV, V, I e II. Está já hoje documentado que Valentim Fernandes imprimiu todos os cinco livros³¹. Graças aos «fragmentos Richard C. Ramer» não se podem hoje aceitar os argumentos em contrário, ou indicadores de uma edição conjunta. Por razões hoje desconhecidas, quando se decidiu fazer uma edição em pergaminho — o que era aconselhável devido à fragilidade do papel —, foi Cremona, parceiro de Valentim Fernandes, talvez por indicação deste, visto trabalharem juntos, o encarregado, sendo por isso necessário recompor os volumes III, IV, V, e I já impressos. Também se fizeram algumas cópias em papel. À data em que o rei mandou entregar o pergaminho a Cremona, aos 24 dias de Outubro de 1513, ainda não estava impresso o livro II, volume a que, talvez por esse facto, Valentim Fernandes já não prestou tanta atenção, ficando com uma portada mais pobre e sem as habituais e características tarjas decorativas. Valentim Fernandes talvez estivesse ocupado a abrir, para o seu parceiro, as gravuras, *in folio*, que acompanharam cada um dos livros das *Ordenações*, e que lhe estão ligadas pela temática.

Valentim Fernandes dominava a técnica da calcografia, desenhando e abrindo cunhos de diversos tipos. E foi com orgulho que escreveu no *cólofon* da *Gramática de Estêvão Cavaleiro*, em Junho de 1516, «per Va/leentinum fernandum natione ger/manum. Vlyssipone totius Hi=spaniae : immo totius Europes em/perio clarissimo. summa cura atque / industria : typis : calchographis / ad amusim autore mendas corri=/gente feliciter excusa est». Cada vez que surgia novos caracteres, Valentim Fernandes fazia questão de os autenticar com o seu nome, embora o tipógrafo pudesse ter sido Cremona, Hermão de Campos ou outro. Umas vezes assinava o *cólofon* só, outras associado aos seus colaboradores.

Pelo meio ficaram outras obras, hoje perdidas ou ainda desconhecidas. Valentim Fernandes abriu, entre 1514 e 1516, uma infinável série de gravuras para ilustrar a tradução e adaptação do *Reportório dos Tempos e Declinação das Estrelas*, duas obras hoje perdidas e que se conhecem apenas pela impressão de 1518, já da responsabilidade de Hermão de Campos³².

O seu último trabalho, tipograficamente composto por Hermão de Campos e com novos tipos e gravuras de Valentim Fernandes, foi o *Compromisso da Confraria da Misericordia*, ainda, e mais uma vez por devoção à sua rainha, D. Leonor, fundadora desta instituição. Como que se completava um ciclo... sempre marcado pela presença da soberana.

31 Veja-se o comentário à obra, descrita neste catálogo na *Tipobiografia*, obra com o nº 18. Veja-se também João J. Alves Dias «A primeira impressão das *Ordenações Manuelinas*, por Valentim Fernandes», comunicação apresentada ao IV Encontro Luso-Alemão (Outubro de 1995).

32 O *Reportorio dos tempos em portugues com as estrelas dos signos. e com as condições do que for naçido em cada signo e o crecer e mingoar do dia. e das quatro compreixões e suas condições. e a declinação do sol. com seu regimento com outras muytas adições. Tralladado e empremido per Valentym Fernandez alemam*, é uma nova edição da obra antes traduzida e impressa por Valentim Fernandes. Tinha de sair assim por causa do «privilegio del Rey nosso senhor». Desconhecemos se, em 1518, Valentim Fernandes ainda era vivo. A única certeza que temos, é que, se fosse ele o impressor, o seu *cólofon* não se teria limitado a tão simples pé de página. Ele tinha mais orgulho na sua arte.

46

CATALDO PARÍSIO SÍCULO, ca 1455 - post.

1515

Epistolarum et quarundam orationum secunda pars . - [Lisboa : Hermão de Campos] . - 26 f.

Caracteres góticos : Ilust. . - A⁶ B-C⁴ D-E⁶, [26] . - B.G.P., I, p. 265; Norton P26.

Évora, BPAD Inc 220

47

CARTA DE VALENTIM FERNANDES A UM FAMILIAR

1515, Lisboa, [Junho, 3 a Julho, 31]

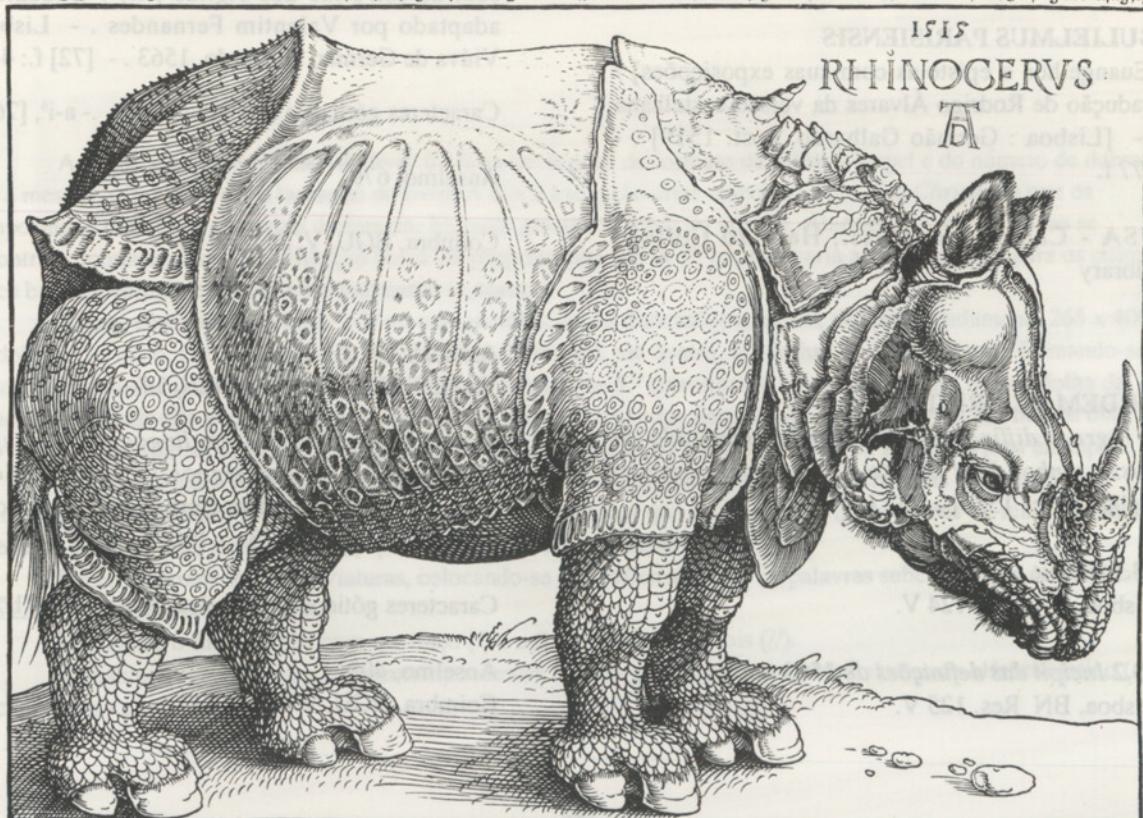
Carta em que Valentim Fernandes dá conta da chegada de um rinoceronte a Lisboa, fazendo a sua descrição, e dando informações sobre o Oriente e os descobrimentos.

I - Florença, Biblioteca Central, Cód. Stroziano nº 20, Ora CI-XIII 80

Fac-símile.

Publicada: Angelo de Gubernatis, *Storia dei Viaggiatori Italiani nelle Indie Orientali*, Livorno, 1875; tradução portuguesa: A. Fontoura da Costa, *Deambulações da Ganda de Modafar, rei de Cambaia, de 1514 a 1516*, Lisboa, Ministério das Colónias, Agência Geral das Colónias, 1937, p.29-36.

Nach Christus geprt. 1515. Jar. Adi. i. May. Hat man dem grofmächtigen Ruyng von Portugal Entnommne got. Expona und auf Indien ein sollich lebendig Thier. Das nemmen sie Rhinocerus. Das ist hys mit aller seiner gestalt 26 conderbar. Es hat ein farb wie ein gepackelt Schildkret. Und ist vō dicken Schalen verkleidet. Das ist fast feit. Und ist in der größ als der Helfsande. Aber myderthüter von paynen vnd fast wehhaftig. Es hat ein scharf stark Horn vō in auf der nasen. Das beginnt es alseg zu werzen wo es bei steynen ist. Das dosig Thier ist des Helfsangs to de seyn. Der Helfsande fürchtet es fast vbel. Dann wo es in antrumbe / so laufft. Jn das Thier mit dem Kopff wachsen drei forden payn vnd reyst den Helfsande vnd den am pauch aufs vñ erwürge. In des mag er sich nit erweren. Dann das Thier ist also gewapnet das Jn der Helfsande nichis kan thun. Sie sagen auch das der Rhinocerus Schnell / fraydig vnd Lüstig sey.



48

ALBRECHT DÜRER 1471-1528

Rhinocerus

Nürnberg, 1515

21,4:29,8

D - Nürnberg, Germanisches Nationalmuseum
Inv. Nr. H 5582, Kapsel 15 a

49

CARTA DE VALENTIM FERNANDES A ANTÓNIO CARNEIRO, RESGATANDO UMA DÍVIDA

1516, Lisboa, Março, 4

Carta de Valentim Fernandes a António Fernandes, escrivão do Secretário de Estado, António Carneiro, resgatando uma escrava e filho, que tinham sido deixados para venda. Como a fazenda só tinha, em pregão, conseguido 6000 reais, Valentim Fernandes, que não concordou com o valor, devolvia 5000 reais que lhe tinham emprestado ou adiantado.

Lisboa, ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, Maço 19, doc. 134.

Publicada: Venâncio Deslandes, *Documentos para a história da tipografia nos séculos XVI e XVII*, 2^a ed., Lisboa, Imprensa Nacional, 1988, p. 9 (existe uma ed. facsimilada com introdução de Artur Anselmo, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988).